



**Maku Nadëb wëj kymyheem paa Jeremias,  
Hëej N'aa Tag'ääba Powá Powá, Amazonas**

Maku Nadëb da aldeia Jeremias,  
Terra Indígena Paraná do Bo-Bo, Amazonas



realização

Comunidade Maku Nadëb  
da aldeia Jeremias  
Terra Indígena Paraná do Boá Boá



apoio



realização

Comunidade Maku Nadëb da aldeia Jeremias, Terra Indígena Paraná do Boá Boá  
Conselho Indigenista Missionário  
Instituto Socioambiental

1ª edição São Paulo, 2017

**Maku Nadëb wëj kymyheem paa Jeremias,  
Hëej N'aa Tag'ääba Powá Powá, Amazonas**

Maku Nadëb da aldeia Jeremias,  
Terra Indígena Paraná do Boá-Boá, Amazonas

## **Maku Nadëb wěj kymyheem paa Jeremias, Hëëj N'aa Tag'ääba Powá Powá, Amazonas**

Maku Nadëb da aldeia Jeremias, Terra Indígena Paraná do Boá-Boá, Amazonas

O projeto é uma parceria do Programa de Monitoramento de Áreas Protegidas (ISA) com a comunidade Maku Nadëb da aldeia Jeremias e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) Tefé, AM.

### Comunidade Jeremias

Caciques **Cláudio Ferreira e José Lúcio Lopes**  
Pesquisadora **Adneuzo Souto**

### Conselho indigenista Missionário (CIMI)

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) é um organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da igreja católica junto aos povos indígenas. Criado em 1972, quando o Estado brasileiro assumia abertamente a integração dos povos indígenas à sociedade majoritária como única perspectiva, o CIMI procurou favorecer a articulação entre aldeias e povos, promovendo as

grandes assembleias indígenas, onde se desenharam os primeiros contornos da luta pela garantia do direito à diversidade cultural. Ao longo dos 40 anos de existência o CIMI é um aliado nas lutas pela garantia dos direitos históricos e constitucionais dos povos, valorizando seus conhecimentos tradicionais na perspectiva da construção de uma nova sociedade participativa, pluriétnica e pluricultural, somando forças com diferentes setores da sociedade civil, pastorais, grupos e entidades de solidariedade e cooperação, que visam contribuir na construção de uma nova ordem na conquista da autonomia dos povos indígenas.

Na Prelazia de Tefé, desde 1979, o CIMI vem atuando com a população indígena da região do Médio Rio Solimões e Afluentes. Em 1985, o CIMI organizou uma equipe permanente que atua até hoje com um trabalho de apoio aos povos indígenas. Hoje o CIMI - Tefé está representado nas respectivas áreas por três equipes que trabalham com os Povos: Deni e Kanamari em Itamarati, Povo Maku Nadëb em Japurá e equipe de Tefé com os povos Miranha, Kambeba, Ticuna e Kokama.

CIMI Secretariado Nacional

Presidente **Dom Roque Paloschi**

Vice-Presidente **Emília Altini**

Secretário Executivo **Cleber Buzatto**

SDS, Ed. Venâncio III, salas 309-314

70393-902 Brasília, DF

Tel (61) 2106 1650 / Fax (61) 2106 1651

www.cimi.org.br

CIMI Regional Norte I, Amazona e Roraima

Coordenadora **Adriana Huber Azevedo**

Rua Lagamar, 36, Conjunto Habitacional Flores, Flores

69.058-801 Manaus, AM

Tel (92) 3238 3317

E-mail: ciminorte@cimi.org.br

CIMI Prelazia de Tefé

Coordenador das equipes **Raimundo Nonato Filintoro de Freitas**

Equipe Rio Xerua **Márcia Divina Borges, Francisco dos Santos Amaral e Fábio Pereira dos Santos**

Equipe Maku **Edvarde Bezerra Junior e Nelma Catulino**

Equipe Tefé **Francisca Cardoso da Silva e Fabiana Furtado Caresto**

Rua Duque de Caxias, 438, Centro, Tefé, Amazonas

69550-013

Tel (97) 3343 2544

E-mail: cimitefe@gmail.com

## ISA

O Instituto Socioambiental (ISA) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), fundada em 22 de abril de 1994 por pessoas com formação e experiência marcantes na luta por direitos sociais e ambientais. Tem como objetivo defender bens e direitos coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos. O ISA produz estudos e pesquisas, implanta projetos e programas que promovam a sustentabilidade socioambiental, valorizando a diversidade cultural e biológica do país.

[www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org)

Conselho Diretor

Presidente **Jurandir M. Craveiro Jr. Presidente**

Vice-presidente **Tony Gross**

**Marina Kahn**

**Neide Esterci**

**Márcio Santilli**

**Geraldo Andrello**

Secretário Executivo **André Villas-Bôas**

São Paulo (sede)

Av. Higienópolis, 901

01238-001 São Paulo, SP, Brasil

Tel (11) 3515 8900 / Fax (11) 3515 8904

[isa@socioambiental.org](mailto:isa@socioambiental.org)

ISA Manaus

Rua Costa Azevedo, 272 1º andar, Largo do Teatro,  
Centro

69010-230 Manaus, AM

Tel (92) 3631 1244/ (92) 3633 5502

[isamao@socioambiental.org](mailto:isamao@socioambiental.org)

Coordenação do Programa de Monitoramento de  
Áreas Protegidas (ISA) **Fany Ricardo**

Coordenação Adjunta (ISA) **Selma Aparecida Gomes**

Equipe do Projeto (ISA) **Alana Almeida de Souza, João  
Ricardo Rampinelli, Marília Senlle, Selma Gomes,  
Silvia de Melo Futada e Tiago Moreira dos Santos.**

## Execução do Projeto

Responsáveis técnicos **Selma Gomes e Silvia de Melo Futada (ISA) e Edvarde Bezerra, Fabiana Furtado, Fábio Pereira e Francisca Cardoso (CIMI – Tefé)**

Pesquisadora indígena **Adneuzo Souto**

Tradutores **Adneuzo Souto, Alarico Tahooj Maiorana, Cláudio Ferreira, Edivaldo Ferreira da Silva (Bola), Edmilson Souto, Joaquim Souto, Maria Neusa Souto, Marivaldo Elidório dos Santos Alcides, Teresinha Souto, Vovô Ramiro Betosa, Zé Lúcio.**

Edição **Selma Gomes e Silvia de Melo Futada (ISA) e Edvarde Bezerra, Fabiana Furtado, Fábio Pereira e Francisca Cardoso (CIMI – Tefé)**

Revisão de texto **Carolina von Zuben e Julia Jacomini Costa**

Projeto gráfico e diagramação **Bruna Keese**

Mapas **Alana Almeida de Souza**

Agradecimentos **A toda comunidade Jeremias, especialmente à pesquisadora Adneuzo Souto, a Vovô Ramiro, ancião da aldeia, e a Edivaldo (Bola), da aldeia Jutai.**

*‘Segundo a Lei Federal 13.123/2015, todo uso pretendido a partir de informação referente ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, presente nessa publicação, deve contar com processo de consentimento prévio e informado junto aos detentores desse conhecimento que condiciona toda e qualquer utilização’*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maku Nadëb da aldeia Jeremias, Terra Indígena Paraná do Boá-Boá, Amazonas = Maku Nadëb wěj kymyheem paa Jeremias, Hëej N'aa Tag'ääba Powá Powá, Amazonas. -- 1. ed. -- São Paulo : ISA - Instituto Socioambiental, 2017.

Edição bilingue: português/maku.

Vários autores.

Vários organizadores.

Vários tradutores.

1. Aldeias indígenas - Brasil 2. Áreas de conservação de recursos naturais 3. Índios da América do Sul - Brasil 4. Povos indígenas - Brasil - Amazonas 5. Povos indígenas - Brasil - História 6. Povos indígenas - Cultura 7. Povos indígenas - Educação. I. Título: Maku Nadëb wěj kymyheem paa Jeremias, Hëej N'aa Tag'ääba Powá Powá, Amazonas.

17-03031

CDD-980.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Maku Nadëb : Terras indígenas : América do Sul

980.3

## realização

Comunidade Maku Nadëb  
da aldeia Jeremias

Terra Indígena Paraná do Boá Boá



## apoio



10	Apresentação	52	<b>G'ëew</b> Roças
14	<b>Hëej n'aa tag'ääba Powá Powá</b> A Terra Indígena Paraná do Boá- Boá	54	<b>Tanawá kyy n'aa</b> Segurança alimentar
18	<b>Wëj Kymyheem paa Jeremias</b> A aldeia Jeremias	60	<b>Bag g'aad</b> Recursos financeiros
24	<b>Jam Maku Nadëb</b> A cultura Maku Nadëb	64	<b>Do Associação Nadëb n'aa e Projeet moo wät doo</b> Associação indígena e projetos
30	Infraestrutura e acesso	68	<b>Tatyyw g'ajeejnh do tawãäts ä makametyyk do</b> Caminhos para melhorar a educação
32	<b>Panãäng</b> Ambiente	72	<b>Maku Nadëb Saúde n'aa</b> Saúde dos Maku Nadëb
37	<b>Harëeng</b> Caça	78	Pressões e ameaças
40	<b>Etyy</b> Pesca	81	Fundação Nacional do Índio (Funai)
46	<b>B'aah e mesuuj g'aad</b> Madeiras e palhas	82	Sistema de Indicadores Socioambientais para Terras Indígenas
48	<b>B'aag</b> Frutas		

# apresentação

**Hah,yy 2014 e 2015 Wëj Kymyheem paa Jeremias Nadëb Hëej N'aa Tyy bä Boá-Boá, tamahuub Japurá, Amazonas, mook kawät do set hé levantamento socioambiental ji maniwëë, mok kawat do Conselho Indigenista Missionário - Prelazia de Tefé (CIMI) e Instituto Socioambiental (ISA) da hee.**

**Adneuz Souto Maku Nadëb ÿ ke hesos panÿÿg he naa do ji biin he naa do ji momatëg n'aa, do mããs la bapëë ba, hajong t aba barëng naa e ta see panÿÿg naa ke holoot do.**

**CIMI anaa panÿÿg naa menaa do añ há em abril de 2014, CIMI moo bok aa haj n'aa 2006, la kaleen ne hé pawa. Em novembro de 2014 mook kawat oficina ana sa hong tawahëh n'aa maniwëë do Wëj Kymyheem paa Jutaí e Wëj Kymyheem paa Nova São Joaquim (Terra Indígena Uneiuxi).**

**Abril de 2015 ana ta mamatëg ISA e CIMI moo bok do e abril de 2016 ana p'aa hëen mamatëk do oficina. CIMI ana p'a hënh mamatëk do p'a hënh.**

**Hahÿÿ kamatëk kamee tëeh do tii anang mook kawät do he n'aa kamatëk do ta moo masaa n'aa Adneuz e Wëj Kymyheem paa Jeremias Nadëb Hëej N'aa Tyy bä Boá-Boá.**

**O projeto mo kawät do tii anang hee p'aag do moweed bag'aad n'aa CAFOD, Fundação Moore e da Embaixada da Noruega.**



Adneuz e seus filhos Lia e Pedro.  
Foto: Silvia Futada

Entre 2014 e 2015, a comunidade Jeremias da Terra Indígena Paraná do Boá-Boá, no município de Japurá, no Amazonas, realizou um levantamento socioambiental participativo, cuja pesquisa se deu em parceria com o Conselho Indigenista Missionário - Prelazia de Tefé (CIMI) e o Instituto Socioambiental (ISA).

A pesquisadora indígena Adneuz Souto foi escolhida pela comunidade e levantou informações sobre saúde, educação, integridade ambiental, disponibilidade de recursos naturais, entre outros temas, discutindo as questões com a comunidade.

Na consulta prévia realizada em abril de 2014 pela equipe do CIMI, que atua na região desde 2006, a comunidade demonstrou interesse em fazer a pesquisa da região em que vivem. Assim, em novembro de 2014, a oficina de apresentação do projeto foi realizada na comunidade, inclusive

com participação das lideranças da aldeia Jutaí – a outra aldeia da Terra Indígena Paraná do Boá-Boá – e da aldeia Nova São Joaquim, situada na Terra Indígena Uneiuxi, vizinha à Paraná do Boá-Boá e também território Maku Nadëb.

A equipe do ISA realizou, em abril de 2015, uma visita de acompanhamento do projeto e, em abril de 2016, a oficina de validação dos dados. Todas as visitas foram realizadas em parceria com a equipe local do CIMI, que, por sua vez, fez outras visitas de acompanhamento.

Esta publicação apresenta os resultados do levantamento socioambiental realizado pela pesquisadora indígena junto com comunidade Maku Nadëb da aldeia Jeremias da Terra Indígena Paraná Boá-Boá.

O projeto e a publicação têm o apoio financeiro da CAFOD, da Fundação Moore e da Embaixada da Noruega.

## H'ëed n'aa tuwãäts hé mo wät diagnóstico socioambiental?

Ã há habää babuuj n'aa Jeremias babong do, tawãäts projeto de diagnóstico socioambiental ã mak kametëg bong nyda moo wät do GPS, máquina fotográfica e ta panyyg n'aa ke rii do ke ánh do. Ta hyyb n'aa hahyy ji manapäh do sa hon hé habä babuuj n'aa. Hahyy moo kawät do ta masáá ã jõöm do: maséél, manayng, bog, balajah, mahúul, mawäd, jamahãd, kawapii, baratá, jakaro-yb... Ta hyb n'aa hahyy ã mowät do tawãäts hé Maku Nadëb.



A Terra Indígena Paraná do Boá-Boá. Foto: Sílvia Futada

## Por que foi importante fazer o diagnóstico socioambiental?

Para nós da aldeia Jeremias, foi muito importante o projeto de diagnóstico socioambiental, tivemos formação para aprender a trabalhar com GPS, também com máquina fotográfica, as discussões para responder ao questionário. Isso foi muito bom para entender sobre tudo que tem em nossa terra. Esse trabalho vai ajudar a nossa aldeia a melhorar e diversificar a nossa plantação: banana, cará, mandioca, abacate, macaxeira, abacaxi, abiu, ingá, cubil, cupuaçu.... E também o material produzido que vai ser muito bom para o povo Maku Nadëb.

# hëej n'aa tag'ääba Powá Powá

Hëej n'aa tag'ääba Powá Powá, aee 240.545 hectares, nugityy Santa Isabel do Rio Negro e Japurá, Amazonas, e foi homologada pelo Decreto Federal s/n de 03/11/1997.

A Portaria Nº 364, que declarou a hëej n'aa tag'ääba Powá Powá, haiyy tabokaba hee 1993. 1985 hyy e tse da Prelazia de Tefé para o hyy pää kametëe hëej n'aa tag'ääba Powá Powá.

Nugityy tamahup Japurá e Rio Negro, hëej n'aa tag'ääba Powá Powá, hëej see: contato entre campinarana e floresta ombrófila e floresta ombrófila densa. Maku Nadëb taju hëej tsëek madyk kajaro wëej tëe tåg mane tåg karajaa.

hëej n'aa tag'ääba Powá Powá dawyy tyyw tëej hood hajuun gäw.

Ji panaj dujipää pää dujipää babä kipok hëej n'aa tag'ääba Powá Powá e dujipää pää hëej n'aa tag'ääba Powá Powá.



Quatro gerações mergulham no seu passado, Adneuzza, seu filho Pedro, seu pai, Joaquim, e avô Ramiro na expedição para a antiga aldeia do Cumarú. Foto: Edvarde Bezerra Jr



# a Terra Indígena Paraná do Boá-Boá

A Terra Indígena Paraná do Boá-Boá tem 240.545 hectares, localiza-se nos municípios de Santa Isabel do Rio Negro e Japurá, no Estado do Amazonas, e foi homologada pelo Decreto Federal s/nº de 3 de novembro de 1997.

A Terra Indígena Paraná do Boá-Boá é uma exceção entre as demais no Brasil, uma vez que o território foi declarado e o processo de reconhecimento chegou à etapa final após quatro anos, um tempo mais satisfatório que a média das demais Terras Indígenas. A Portaria Nº 364, que declarou a Terra Indígena, foi publicada em outubro de 1993, embora desde 1985 uma proposta da Prelazia de Tefé para o reconhecimento da Terra já tivesse sido apresentada à Fundação Nacional do Índio (Funai).

Na Terra Indígena Paraná do Boá-Boá, localizada nas bacias hidrográficas do Japurá e Rio Negro, predominam as seguintes formações vegetais: contato entre Campinarana e Floresta Ombrófila e Floresta Ombrófila Densa. Os Maku Nadëb, entretanto, reconhecem muitos outros tipos de ambientes em seu território, sendo eles: igapó,

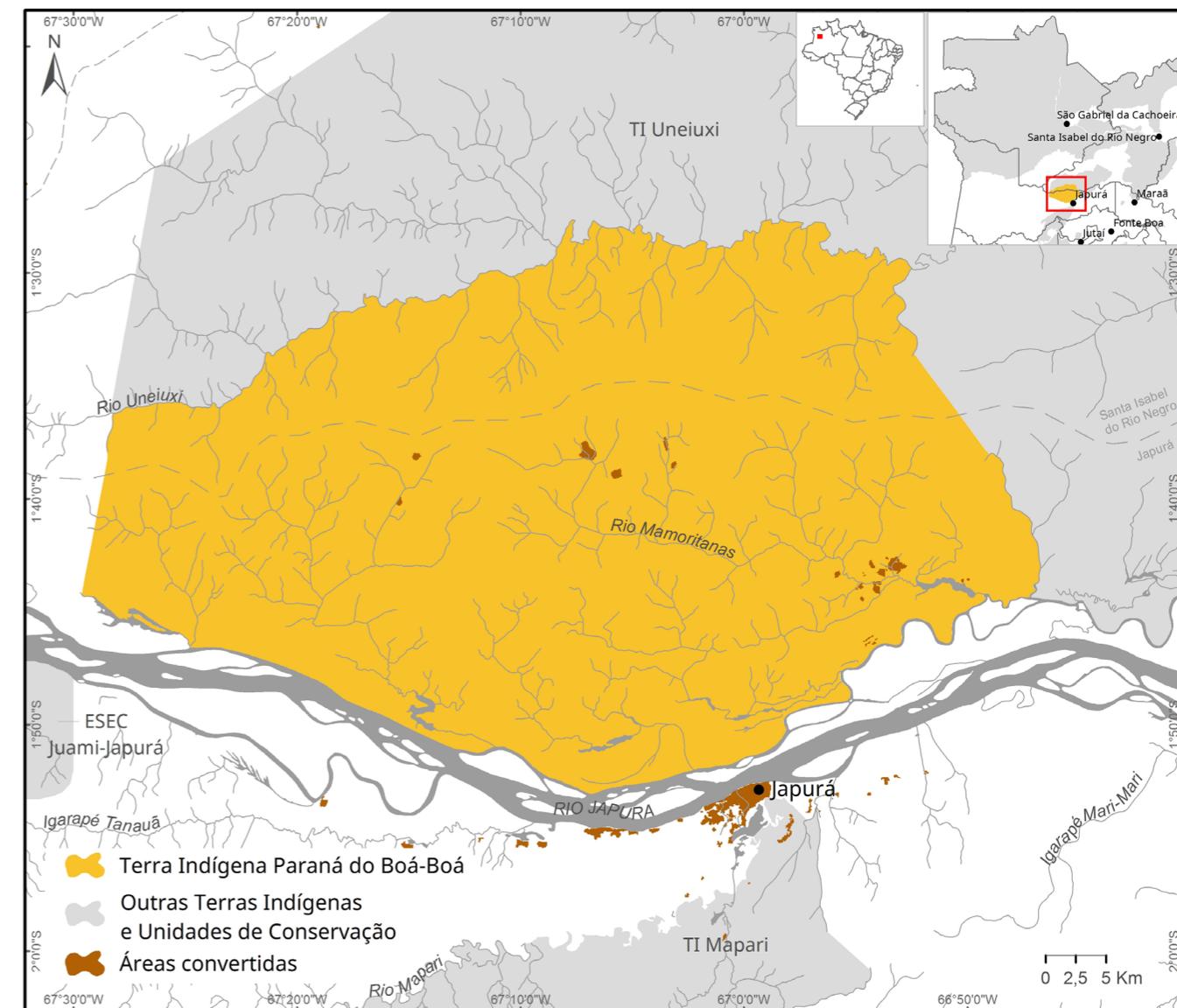
terra firme, buritizal, açazal, tucumãzal, bacabal, castanhal, lagos.

Por localizar-se em uma região de difícil acesso, a pressão de desmatamento no território não é tão grande: apenas 0,2% de seu território é área convertida, ou seja, aldeias, aldeias antigas e roças.

A comunidade não tem conhecimento de ações judiciais relacionadas à Terra e nunca ocorreram casos de violência por conta da disputa da Terra Indígena.



Placa de sinalização da Terra Indígena. Foto: Selma Gomes





A aldeia Jeremias: vista para o porto. Foto: Selma Gomes

# wëj kymyheem paa Jeremias

P'ooj habong do paa sá daa hé Nadëb kamajii duk kan'aa dap hé. Wahëh makun la babong pá ba ta haad kamaneenh Cumaru. Wahëh p'ooj habong pá rabareed hom rababong do nahëh hyb n'aa sarampo e malária. Tib pá m

ta hyb n'aa ehuum bong Jutai hén la bajeen bong ti hyb n'aa p'aa hén nahëh rakat'yyh p'aa hén kalepëë dajep pá m sa nahëh meningite, sarampo e malária, ti hyb n'aa Nadëb rabareb boong hanäng panäänh g'awaas panäänh see Jeremias.

## a aldeia Jeremias

Os Maku Nadëb antigamente eram considerados "bravos" por moradores da região. Antigamente o povo morava na área conhecida pelo nome de Cumaru. Os antigos contavam que o povo resolveu deixar a aldeia após muitos ficarem doentes com

sarampo e malária. Foram viver na aldeia Jutai e de novo ocorreu mortes por doenças, muitas crianças vítimas de meningite, sarampo e malária, por isso algumas famílias resolveram deixar a aldeia, foi aí que surgiu a aldeia Jeremias.

Tii anang péh wööp tÿÿ hëej n'aa tag'ääba Powá Powá Jutaí aeh wah'yy säg y g'awäs Jeremias 2004. Nadëb wób han'aa do Jutaí bah jeeng do pá ow Ramiro. A'nna p'aa hén Nadëb wód taah enaah do.

2015 aj'eng 69 Maku Nadëb y sét Baré, sa honh hé 10 tob. Ta nats'ëen n'aa 37 a'ÿÿ y 32 ÿynh. Tii

h'yyb set hé kadodäg mäsi ita paa tabag'yyt cidad bá.

Sahõnh he taah enaah do p'op hagä do ky n'aa etyy. Sahõnh he la bah já sa kyy. Tii ananh set hé P'op Hagä do Top N'aa. 2014 ta katamá sooh y 2016 ta noo kah'ook.



A aldeia Jeremias. Foto: Selma Gomes



○ rio visto da aldeia Jeremias. Foto: Selma Gomes

Há duas aldeias na Terra Indígena Paraná do Boá-Boá: Jutaí, a maior e mais antiga, e a aldeia Jeremias. A aldeia Jeremias foi fundada em 2004 por algumas famílias que vieram da aldeia Jutaí, lideradas pelo vovô Ramiro, ancião da aldeia. Depois, outras famílias vieram e a aldeia foi crescendo.

Em 2015, moravam na aldeia 69 Maku Nadëb e um Baré, sendo ao todo dez casas na aldeia.

Foram contabilizados 37 homens e 32 mulheres. Nos últimos cinco anos, apenas um Nadëb casou com uma não indígena e foi viver na cidade.

Todas as famílias são evangélicas e falantes de língua maku nadëb. Há uma Igreja Assembleia de Deus Tradicional na aldeia – na língua denominada P'op Hagä do Top N'aa –, construída em 2014 e inaugurada em 2016.

hëed ba doo h'yyb n'aa ji ajej

Jeremias ba?

Tii ananh momatëg tób n'aa, tii ananh ná anh hé ta biin tsëë h'aa Nadëb hé, tii ananh ta biin moo, wāt do, baad ā ba bong ba. Tii hyyb n'aa ā kalen nahéh tób n'aa, naëng huud n'aa, do ā naëng ta ka biin ba tii h'yy n'aa kalepéh nahëh enah. Ā kalen na anh hé ā Funai moo masaa ba ā ba hëj á bahág'ãās h'yyb n'aa. Ā panaang tawãäts hé tii h'yyb ā panaang p'ëets he ā baboong mäs sä panaang pa cidad ba, tii anaang halëëng hajõnh: g'ëëw, ta h'ýyb, ta barëng n'aa, b'aag.



Igreja na aldeia Jeremias. Foto: Silvia Futada

por que é bom viver na aldeia

Jeremias?

Temos escola na aldeia, temos atendimento da saúde indígena, tem agente de saúde na aldeia, é boa a vida na nossa aldeia. Para melhorar precisamos de um posto de saúde, de poço artesiano, não temos água tratada e por isso tem muitas crianças com verminoses. Precisamos também do apoio da Funai para fiscalização de nossa terra. Na nossa aldeia é bom, ela fica mais próxima da cidade e tem muita fartura: roças, peixes, caças, frutas do mato.



Casa de seu Valdir antes de erguer as paredes. Foto: Silvia Futada

# jam Maku Nadëb

Mamot tatä n'aa Maku Nadëb, jam, karaba, harom, napits, top yd hab, kawajuu, soow, gäw, extrativismo, gawajaa, ääetyy, baat ji baag ji pan'aag.

Jam pan'aag Jeremias

Jyy Jäm (fevereiro)

Fevereiro jyy yëem tabata bawät Jam jyy. Maku Nadëb ää ahuum gäw go jyy ää ehyyj. Ää majyy me ää kata sahoj hë ää be oom sahoj hë jyy. Jäm duu kaduu atsäm hewadëek.

Madyyk Jäm (maio)

Maku Nadëb ää ahuum madyyk ää ehyyj hëej bä madyyk. Ää majyyk me ää kata sahoj hë ää

sahoj hë madyyk. Ha jyyk sahoj he madyyk hakytt doo ajyyk top he. Madyyk bëë wahoo go tabajat. Jäm duu kaduu atsäm hewadëek.

Hÿÿp Jäm (setembro)

Hÿÿp Jäm kamlab setembro, haajög hÿÿp. Jäm tasee hadoo.

Hoop Jäm (setembro)

Hoop Jäm aj'yy a s'oop tawtyw n'aa me. Hoop hëej tabanyyg. Aj'yy rabajyyk bä ÿÿj rawaj'aa bong pan'aag ragawats'iik jyyng. Aj'yy radabëë hoop häg wahoo go ÿÿj rabajyyk bä Jäm dukadoo. Sahöøj hë rabajäm takot me.

P'ooj uup doo Jäm.



Preparação de cestaria MakuNadëb. Foto: Sílvia Futada

# a cultura Maku Nadëb



Pupunha. Foto: Silvia Futada

Preparo do alimento tradicional, festas tradicionais, dança, arco e flecha, tipiti, peneira, vassoura, cestaria, zarabatana, língua indígena, conhecimentos tradicionais nas áreas de produção agrícola, extrativismo, caça e pesca são atividades de valorização cultural praticadas no cotidiano da Comunidade Jeremias.

Festas tradicionais

## Festa da Pupunha (fevereiro)

A festa da pupunha ocorre no mês de fevereiro, época da pupunha. A comunidade vai para roça tirar pupunha, e na volta todos se reúnem para compartilhar a pupunha. A festa dura um dia inteiro e há danças e cantos.

## Festa do Açaí (maio)

A comunidade da aldeia sai para a retirada do açaí. Após retirarem certa quantidade que dê para suprir a todos, retornam para a aldeia. Ao chegarem, o açaí é posto no centro do terreiro, então se inicia a festa e a cerimônia com o preparo

do vinho para ser distribuído ao povo. Dançam e cantam músicas do povo até o amanhecer.

## Festa do Matrinção (setembro)

A festa é realizada no período do mês de setembro e é uma forma de o povo agradecer pela fartura de matrinção. Segue o mesmo processo da Festa do Açaí.

## Festa da Abiurana (setembro)

Na Festa da Abiurana só os homens saem para a colheita da fruta. Abiurana é uma fruta de árvore de terra firme, parecida com o abiu. Quando os homens voltam para a aldeia, as mulheres saem para não verem eles chegarem, pois os antigos contam que, se as mulheres virem os homens chegando com as frutas, a aldeia pode afundar no rio. Depois que os homens colocam as frutas no terreiro, as mulheres voltam da mata e começa a festa. Todos dançam e cantam em círculo com um bastão de bambu na mão.

Essas eram as principais festas da comunidade, mas nos últimos anos não foram realizadas.



Açaí. Foto: Edvarde Bezerra Jr



Preparo do vinho do açaí. Edvarde Bezerra Jr

# infraestrutura e acesso

**Ta bag hanaa doo e ji g'ee l'oot doo ã hëed sahõnh hë Jeremias sa h'ëed.**

**Gerador ta bag hanaa do sét hë tii h'yyd n'aa doo ta haja ba tabag sahonh hë ã moo booh ba ã kalen doo.**

**Set tamii hé häät ub ji kaja hoom cidad ba na yw hë ji kajá sét ór habet 13 g'ó.**



Com suas canoas os Maku Nadëb visitam parentes nas outras aldeias, realizam suas atividades diárias de caça e pesca e deslocam-se até a cidade. Foto: Edvarde Bezerra Jr

O gerador e a radiofonia são bens de uso coletivo da comunidade Jeremias.

O gerador é a principal fonte de energia elétrica, no entanto, a energia gerada não é suficiente para a realização das atividades como a comunidade deseja.

O acesso à principal cidade (Japurá) é pelo rio, é considerado fácil, aproximadamente uma hora de barco motor 13.



Família da aldeia Jeremias desloca-se para a festa na aldeia São Joaquim. Foto: Sílvia Futada

# panããng

Ta ga bã Powá Powá hëj n'aa naëng mé naa doo, baah tanabby hëë huum do, hëëj, tag'äba i tamõõ k'ybag'ääs.

Tii anãnh ta nu gabóg moo wät do sahonh hé ji katadak ji'moo wät do h'yyb n'aa ji panang ji kabalak, ji hagääs ta see ga bã ta dawyĩ h' h huum do mäs nejëng h'yyb n'aa ä hëj n'aa gó.

Doo tany ba Plano de Gestão Territorial e Ambiental panang ba, doo tany ba nããnh hé ta hëëj bagããh n'ää ta massaa n'aa na äjnh hë Nadëb häj n'ää.

Doo ta nyy ba nuk gabóg agente ambiental, Tii h'yyb n'aa anyw wät ji makametëk do Ibama/Funai sii em 2008 ta ba wät do rado dó p'aa hënh. Ä panãng kalén nee pawa ta nuu g'abóg agestes ambientais ji mã nee lõöd n'aa panỹg hee n'aa doo lej mã kametëk doo baad ä tamã panãk hỹb n'aa baad ä häj n'aa ta bahagääs h'yyb n'aa.

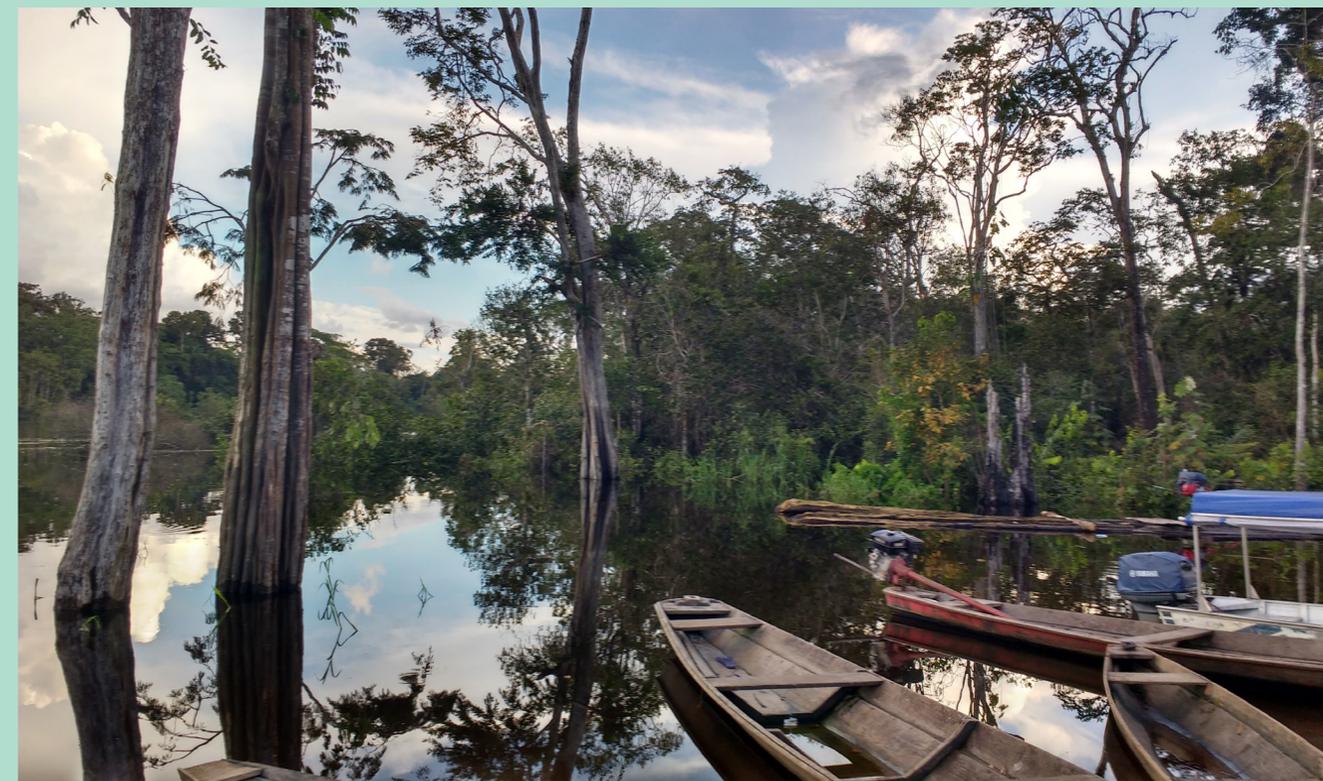
# ambiente

Na Terra Indígena Paraná do Boá-Boá, as nascentes, matas ciliares, áreas de mata, rios e igarapés estão preservados.

Existem iniciativas comunitárias de gestão ambiental, a comunidade se reúne para fazer limpeza nas áreas da comunidade e vigilância de áreas mais distantes.

Não há Plano de Gestão Territorial e Ambiental ou mapeamento participativo na aldeia nem na Terra Indígena.

Não há agente ambiental na aldeia, embora tenha ocorrido uma capacitação pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais (Ibama) e pela Funai em 2008, não foi dada continuidade. A comunidade acha necessário formar agentes ambientais que dominem seus direitos legais, principalmente para atuar na fiscalização e abordar de forma adequada os invasores esclarecendo-os e reprimendo-os.



Porto da aldeia Jeremias em época de cheia. Foto: Selma Gomes



Praia na Terra Indígena Parana do Boa Boa. Foto: Sílvia Futada



É no rio entre banhos, roupas e vasilhas que a comunidade passa grande parte de seu dia a dia. Foto: Selma Gomes

# harëëng

**Hahyy panyyg n'aa ã moo bok doo hén doo harëëng, habää ba buuj n'aa doo raky hado ba doo ã tä péh habä ã hëj g'ó tii anang na harëëng.**

**Hỹ ká 55 harëëng sä hëd habä hanang doo.**

# caça

A pesquisa apontou que há muita fartura de caça, sendo que a comunidade não nota a ausência de nenhum tipo de caça antes comum em seu território.

Foram listadas 55 tipos de caça.

**warobiá** andorinha **t'ëëng** anta **kawed** arara **károo** arara-amarela **kawed hahiin** arara-vermelha **kawed jabarut** ararinha-azul **jawii baríi** bem-te-vi **marakáw** cabeça **jamog** caititu **kajamá** capivara **kajuus** cujubim **mabëng** cutiara **marakaka** iaçá **marakaka** irapuca **matug** jabuti **masëëk** jacami **nawarii** jacaré-açu **wëë** jacaré-de-papo-amarelo **ataad** jacarétinga **guryj** jacu **jõöp** japó **watoor** macaco-bicó **hëëw** macaco-cairara **samÿÿj wanaúú** macaco-guariba **bariid** macaco-parauacu **jawëëj** macaco-prego **g'ook** macaco-zog zog **jamãd** manguari **karatu** marianita **jahamat** mutum **h'oõh** nhambu-galinha **makakaw** nhambu-macucáu **h'oo** nhambu-relógio **habooj péh** onça-vermelha **dapaa** paca **karatúh** papagaio **mÿÿj** perema **hik** periquito **kawaed** pica-pau **biis** pipira **mapapuu puu** pomba-galega **tooh** porco-do-mato **gaw'yyng ÿb** rato-coró **sakoop** sabiá **beeh** sapo-gia **kanuud** socó **jahuun** tamanduá **marakaw** tartaruga **w'yys yb** tatu **w'yys** tatu-bola **karasyyd** ticuã **marakaka** tracajá **saked** tucano **j'yys** urumutum **kawajad** veado



Maku Nadéb são exímios caçadores. Foto: Sílvia Futada



Vovô Ramiro com os dardos envenenados da famosa zarabatana dos Maku Nadéb. Foto: Sílvia Futada



Anta é uma caça muito apreciada pelos Maku Nadéb. Foto: Oswaldo Lopes

# etyy

Hajōng ta hỹd habā, hahyy hỹd sā hēd 50 ta hỹd n'aa Nadēb sa tā.

# pesca

A pesca também é considerada farta, foram levantadas 50 espécies de pescado que fazem parte da alimentação Nadēb.



Desenhos feitos pelas crianças da aldeia durante as oficinas do projeto. Foto: Sílvia Futada



Darli mostra seu tucunaré, resultado de sua pescaria.

Foto: Selma Gomes



Tucunaré também faz parte da alimentação dos Maku Nadēb, na foto Lucinilda e Jean. Foto: Selma Gomes

**kaójby** agulhão **kawãn** aracu-flamengo **sáás** aracu-vasco **karo yb** arari **bacu bacu** **manaré** bereré **kawajá** bodó **awádl** cachorro **sâk** camoatá **jamajsu** cangati **kalýd ýd** caparari **cará bararoá** cará-bararoá **bisisi** cará-bicudo **jaaw** cará-trovão **hëndoro** carauaçu **kalahýj yb** curimatã **tykaãh** jacundá **kaho yb** jandiá-açu **kalahýj yb** jaraqui **too'bäg** jatuarana **satuun** jauzinho **haramãn** jiju **hood t'ëë** mandim **hýyb** matrinxões **tõök** matupiri **bólubog** pacu **bólubog** pacu-beira-de-saia **bólubog** pacu-branco **bólubog** pacu-jumento **bólubog** pacu-manteiga **bólubog** pacu-olhudo **wajats** peixe-boi **pescada** pescada **gãb** piaba **syrute** piau **pintado** pintado **wäng nuuh** piraíba **amããj** piranha **kadiri** piranha-caju **hýyb yb** pirapitinga **mapä** pirarara **wabuu** pirarucu **tsabud** puraquê **masyy** sarapó **buuj sabëë** sardinha **arawanã** sulamba **karid** surubim **hýyb yb** tambaqui **buuj** traíra **jakanan** tucunaré



Peixe assado é um dos itens alimentares preferidos dos Maku Nadëb da aldeia Jeremias. Foto: Osvaldo Lopes



Cacique Cláudio com um surubim, pescado comum na TI. Foto Sílvia Futuda





O brincar é parte do cotidiano das crianças Maku Nadéb da aldeia Jeremias e proporciona habilidades indispensáveis para uma vida saudável e coletiva. Fotos: Edvarde Bezerra Jr, Selma Gomes e Sílvia Futada.



## b'aah e mesuuj g'aad madeiras e palhas

**Nadëd as hëj n'aa ta bã Powá Powá tii anang hajöng b'aah doo daap ta karejã ba, bah hajong ta hã habong do hé do baah, mesuuj g'aad tób tãmw n'aa, h'oooh pan'aa e waóh. Do tá hëj na ba bahajóng b'aah mesuuj g'aad tii anang do ta hëj ba habä ba b'aah n'aa ã hëj g'ó.**

A Terra Indígena Paraná do Boá-Boá contempla florestas conservadas, ricas em biodiversidade e com fatura de madeiras e palhas para construção de casas, de material para construção de canoas e para confecção de artesanatos. Nenhuma espécie utilizada para essas atividades deixou de ser encontrada na Terra Indígena.



Desde cedo as crianças ajudam nas tarefas diárias. Foto: Sílvia Futada



A pupunha é um importante item alimentar dos Maku Nadëb. Foto: Sílvia Futada

## b'aag

**Powá Powá ta hëj n'aa tii anang b'aag, habá ba b'aag n'aa hajõng na e tii ananag. Ta he n'aa se hë hajõng b'aag, jÿÿ, madÿk, jahamãd, hoob, manééh, e ta wób ã héé n'aa doo Nadëb sa wá, b'aag taw'ããts ji epón do ã moo bok bad ta kajëem hyyd n'aa, ã ejëem baag hyyb n'aa.**

## frutas

Na Terra Indígena Paraná do Boá-Boá há também uma grande fartura de frutas nativas para alimentação, sendo que nenhuma fruta que já era colhida antigamente desapareceu da Terra Indígena. Ao longo do ano, diferentes tipos de frutas, como pupunha, açai, abiu, abiurana, castanha, entre outros, fazem parte da dieta alimentar dos Maku Nadëb, sendo fundamentais para enriquecer a alimentação e fomentar práticas culturais, como as festas tradicionais dedicadas à coleta de determinadas frutas.



Desde cedo as brincadeiras Maku Nadëb já geram as habilidades para coleta do açaí. Foto Silvia Futada



Na terra indígena Parana do Boa Boa há fartura de frutas. Foto Silvia Futada



As frutas complementam a alimentação dos Maku Nadëb. Na foto, Gracilene com açaí. Foto: Silvia Futada



O mingau de açaí é preparado coletivamente na aldeia Jeremias. Foto: Edvarde Bezerra Jr

# g'ëew

Tasee panyyg n'aa hanaa doo nadëb sa ky hën dóh ta hëj n'aa keh jôm doo. g'ëew

Ta katamã ba g'ëe hag'ããs pojé hëj ow g'ëew pá, taah enyy doo rahyt tatym, ta taah g'ëew go n'aa, ji me bang doo mäs sasi.

55 joom häd.

## roças

Outro recurso importante destacado pelos pesquisadores indígenas foi a alta disponibilidade de terra para plantio. A abertura de roças é feita principalmente em áreas de floresta e antigas roças. As famílias usam as sementes, ramas e mudas coletadas nas áreas de roça e horta, além de praticar a troca de sementes, ramas e mudas entre as famílias da comunidade e com não indígenas.

Foram listados 55 tipos de cultivos.



Dona Terezinha Souto limpa seu terreno. Foto: Silvia Futada



A colheita da mandioca e preparo da farinha é uma atividade que envolve toda a família. Foto: Edvarde Bezerra Jr

**barajaa** abacate **mawããd** abacaxi **jamad** abiu **madyyk** açai-terra-firme **manag** açai-do-pará **jabas** azeitona **looj** bacaba **wëng** bacabão **saë** bacabinha **mãse** banana-ferrugem **banana fia 18** banana-fia-18 **hahiin** banana-guariba **sĩs** banana-inajá **kakobág** banana-ladrão **haëjpeh** banana-maçã **haruum** banana-pacovão **banana prata** banana-prata **karahyyr** batata-doce **manakaah** batatão **ribah** biribá **karahuur** cacauzinho **akaaj** caju **kahiit tæg** cana-pioiota **manayng** cará-branco **katsããp** cará-roxo **baratah** cubiu **my** cuqui **kaman** feijão-da-praia **arijap** goiaba **kawapi** ingá **ramu** jerimum-caboclo **ramu** jerimum-pescoçudo **mahũür** macaxeira-branca **mahũür** macaxeira-pão **mapah** mamão **boog** mandioca-casca-fina **boog** mandioca-casca-grossa **boog** mandioca-filó **boog** mandioca-joão-gonçalo **boog** mandioca-ourinho **boog** mandioca-pé-de-jabutí **boog** mandioca-tartaruginha **manga** manga **bëewreh** melancia **p'oo** pimenta-doce **p'oo** pimenta-malagueta **p'oo** pimenta-murupi **p'oo** pimenta-olho-de-peixe (cheirosa) **kane** piquiá **jyy** pupunha **tarapuu** purumã **taperebá** taperebá **kajaro** tucumã **h'ëw** urucum

# tanawá kyy n'aa

Hajõnh tabaa n'aa ã hëj n'aa g'ó cidad ba ã wá wob ã betsen. ã wá hé häd ub: arroz, feijão, macarrão, óleo, açúcar, café, bolacha, sardinha, achocolatado, manteiga e sal. ã pananh n'aa hajõnh ananh sa ky.

Ta barëeng n'aa, t aba hÿyb n'aa, g'ëew e ji masãã Nadëb sa tä hadoo né hé sahõnh hé ra moo bok sa wá hé hëej ba hanang doo. Tii hyyb n'aa ta bawá n'aa táá enyy doo ra ky hadoo ã kaléén ta h'yyd n'aa ta rëeng n'aa tabahãj pej.

Jeremias Nadëb n'aa tyyg ra mewoop as tä fogão ná ãijn hé.



Fazendo feijão na aldeia Jeremias. Foto: Sílvia Futada

# segurança alimentar

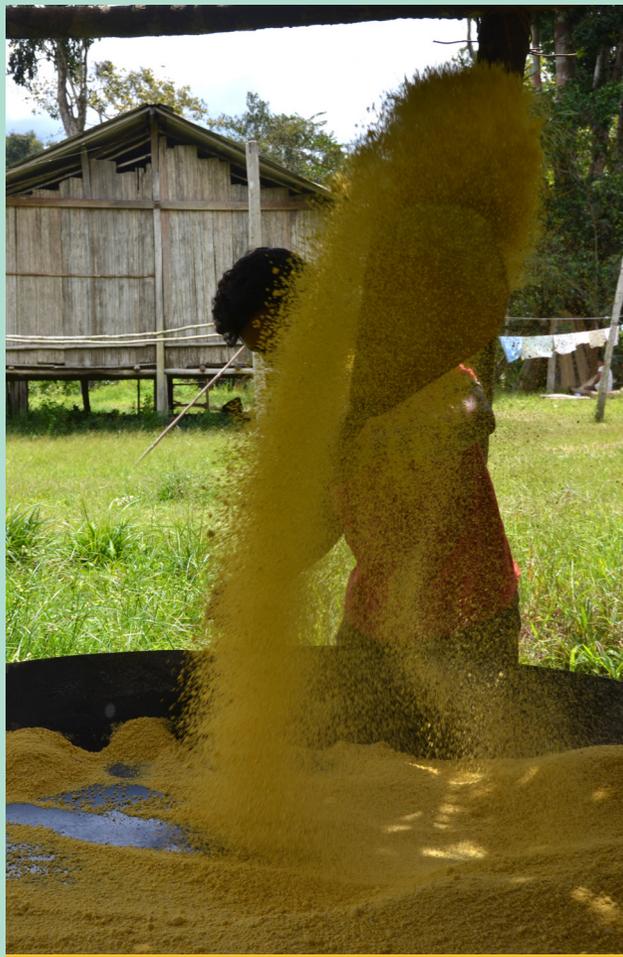
Muitos alimentos são obtidos na Terra Indígena e uma parte é comprada na cidade. Os principais alimentos comprados são: arroz, feijão, macarrão, óleo, açúcar, café, bolacha, sardinha, achocolatado, manteiga e sal. A comunidade considera a quantidade de alimentos suficiente e de boa diversidade.

A caça, a pesca, a roça e a criação de pequenos animais são importantes para a alimentação das famílias Nadëb, e todas também praticam o extrativismo vegetal para se alimentar. Para melhorar a alimentação das famílias da aldeia Jeremias a comunidade avalia que seria importante aumentar a disponibilidade de caça e pesca.

Os Maku Nabëb da aldeia Jeremias cozinham no fogão a gás e no fogão à lenha.



Cozinhar diretamente no fogo é uma prática dos Maku Nadëb. Foto: Sílvia Futada



Donaldo no preparo da farinha. Foto: Sílvia Futada



Riziane mostra seu pé-de-moleque enrolado em folha de bananeira. Foto: Sílvia Futada



Pé-de-moleque feito com massa de mandioca e muito apreciado pelos Maku Nadéb. Foto: Sílvia Futada



Andrelicia ao lado do fogão dos Maku Nadéb. Foto: Silvia Futada



Ariana e Lucia peneram a massa da mandioca para fazer farinha. Foto Selma Gomes

# bag g'aad



A venda de artesanato contribui com a renda dos Maku Nadëb. Foto: Silvia Futada

## Já g'adoo

Apusentáád kalapé bag g'aad tamasá ná aijn he. Tii hyyb táh enyy doo do la gānh enyy bã. 2015 no g'ó tii anyw wāt ta mawoob hē aposentados (sét ȳyñh péé wóp a'jyy) Jeremias bã sét hē ȳyñh g'adowat kalapēẽ bag'aad n'aa INSS hé.

## Bolsa Família

Bolsa Família kajá Jeremias bá 2004 nog'ó. Cartão Cidadão 2001 tii any dāk pojé Jutáí hēm t'iin Jeremias la ba'boo padëg.

Dez táh em'yy doo g'ëe doo 2015. Ta k'ëep la tsép doo as wā hē do doo. Nadëb la ky hadoo bád ub ã babukan ã gānh hyyd n'aa Bolsa Família, ta hëej ba doo bád ta doo do tawód sa gānh.

Nadëb sa bag'ad la g'amesōök do, hajōō numé la béh léét sa kaliw n'aa wē cidaad ba, la noo hé sa wá Nadëb hé. Tii h'yyb n'aa sa kaliw n'aa

cidaad ba g'ä doo sy bag'ad j'ooj n'aa la g'atsë, tii h'yyb n'aa taba hājng peej sa wá ky n'aa ky n'aa géé báh aéh ji cūūt do ji hajá ji epaag ba.

## Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)

Ta ma wod hé ajyy g'ëesog bōng Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) ta moo kawād wāt nogó. Hahyy bag'aad n'aa PRONAF g'ëew ji moo wāt hyyb n'aa. Tii hyyb n'aa já g'esok doo pá do pam tawāäts da doo ba.

## Ji mäsëm g'ëew g'abuj hëej buuj

Ji mäsëm hē hadoo ji g'ëew g'abuj (maseell, manaŋg), kalaak, paat, ta h'ȳy, mabááh (ta n̄y ba), wáo mäsëm (sééin masuuk) ta masá bag'aad hé. Manee takëep ky n'aa g'ébaap tób bahaad na aj~in hē. La sëëm najan hē haluum napiids la tamã doo.

# recursos financeiros



Dona Neusa Souto confeccionando cesto de cipó. Foto: Sílvia Futada

## Benefícios previdenciários

Aposentadorias e salário-maternidade ajudam a compor a renda. No entanto, nem todas as famílias têm acesso a esses recursos. Em 2015, ano do levantamento, havia somente três aposentados (uma mulher e dois homens) na aldeia Jeremias e uma mulher havia acessado o salário-maternidade no Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

## Bolsa Família

O Programa Bolsa Família chegou à aldeia Jeremias em 2004. O Cartão Cidadão já atendia famílias do Jutai que se mudaram para o Jeremias desde 2001.

Dez famílias acessaram o benefício em 2015. O principal uso dos recursos da Bolsa Família é para compra de alimentos. A comunidade avalia que sua vida melhorou com o recebimento dos recursos do Programa Bolsa Família e que, se o Programa acabasse, o impacto nas comunidades seria alto, pois a comunidade tem poucas fontes de renda.

Os cartões do Programa Bolsa Família, muitas vezes, ficam com comerciantes na cidade, que repassam mercadorias para as pessoas da

aldeia. Muitos comerciantes da cidade, além de ficarem com os cartões, ainda cobram mais caro as mercadorias que as famílias Maku Nadëb compram, o que gera um ciclo de endividamento que é difícil de se quebrar.

## Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)

Três homens receberam recursos do Pronaf no período da pesquisa. Os recursos do Pronaf foram destinados à compra de insumos para a produção agrícola. Na avaliação dos Maku Nadëb que acessaram o Pronaf, não ocorreram mudanças significativas na vida das famílias com o recebimento do crédito.

## Venda de produtos da roça e da floresta

A venda dos produtos das roças (banana, cará), de galinha, pato, pescado, mel (pouco, quando encontram), artesanato e produtos beneficiados (goma e farinha de mandioca) contribui pouco para a renda das famílias. A venda de castanha e vassoura é o que mais contribui para a renda familiar dos Maku Nadëb da aldeia Jeremias. Além desses produtos, os Maku Nadëb também comercializam os tipitis e peneiras que fazem.

# do Associação Nadëb n'aa e Projeet moo wät doo

Do ã Associação enyy ba habä Jeremias ba. Tii anang ta see nug'abóg organização Nadëb moo wät doo região do Médio Rio Solimões e afluentes, doo tahajõ ba ta enyy do maniwë do UNIPI-MRSA – União dos Povos Indígenas do Médio Rio Solimões e Afluentes panyyg n'aa.

2015 tii anywät kuát projeet ka tamã do Jeremias bá. Projeet katama do hajong tamasa n'aa: organização não governamental (ONG), universidade, órgão do governo estadual e órgão do governo municipal.

## Projeet katamãädäg do

- Piraywara – magisteerij Nadëb mametyyk doo Jeremias, Jutaí, Nova São Joaquim, Mapari (Terra Indígena Mapari)
- Projeet ã jääm h'ajój n'aa katamã do Jutaí e Jeremias bá.
- Projeet Político Pedagógico Nadëb – Nadëb nugób mamatëg n'aa.
- Projeet Socioambiental – Jeremias panang, Conselho Indigenista Missionário, Instituto Socioambiental.

Habä panang n'aa baad i tawãäts sa no projeet.

Ta see projeet katamã do papuuj gestão territorial ã häj n'aa bé g'ãäs do.



Reunião comunitária sobre projeto socioambiental. Foto: Silvia Futada

# associação indígena e projetos



Reunião do Projeto Socioambiental na Igreja. Foto: Silvia Futada

Não há uma associação indígena da própria aldeia Jeremias. Há uma organização indígena que atua na região do Médio Rio Solimões e afluentes, mas poucas famílias da aldeia participam. A organização chama-se União dos Povos Indígenas do Médio Rio Solimões e Afluentes (UNUPI-MRSA).

Em 2015 estavam sendo desenvolvidos quatro projetos na aldeia Jeremias. Os projetos estavam sendo realizados em parceria com organização não governamental (ONG), universidade, órgão do governo estadual e órgão do governo municipal.

## Projetos desenvolvidos

- Piraywara – magistério indígena nas aldeias Jeremias, Jutai (Terra Indígena Paraná do Boá-Boá), Nova São Joaquim (Terra Indígena Uneixi) e Mapari (Terra Indígena Mapari).
- Projeto de Fortalecimento Cultural – iniciativa das aldeias Jutai e Jeremias.
- Projeto Político Pedagógico Indígena – coordenação de educação escolar indígena.
- Projeto Socioambiental – comunidade Jeremias, Conselho Indigenista Missionário, Instituto Socioambiental.

A comunidade avalia os projetos como muito bons.

A comunidade avalia que o principal tema para novos projetos é gestão territorial.

# tatyyw g'ajeejnh do tawããts ã makametyyk do

## Eskool Municipal Nadëb Jeremias

Ta kamanyyj ji makamatyyk tób n'aa p'oop hag'ã do moh j'á Secretarij no, ta h'yyt mã da ta häd Nadëb hanoo ta häd.

2016 nogó tii anywát ta wõb hé mamatëg Nadëb mametyyk do paa kalapéé hë mãs as kyh.

Tawããts nadoo ta tób n'aa kametyyk do e baad nadoo tag'oo Prefeet as moo j'a. Ji mametyyk ýt tii anan ta bag e doo internet tagô.

Do naa takalood ba Nadëb sa sii mãs sa nug'a bóg héh'ät ub sii, politika ky n'aa jawyyk doo. Ta h'yyb n'aa Prefeet tawããts ta l'ood ba Nadëb sa sii ny dä ta moo kawät nyd hadoo ã mametyyk do tób n'aa ã kalén doo.

Aëh na sét hé do ta haja ba ji moo mamet'yyg ba ta tób n'aa ýt hë, h'yyd n'aa jaw'yk n'aa Nadëb mametyyk do tób n'aa. Tii h'yyb n'aa do bad ta nuu kejäg ba la mametyk do mãs kyy n'aa hadoo la n'oo ba la mãmetyk doo, bad ta doo pawa ã kyy had'yyt hë ã elii ba. Ta see poo hé h'ät úb makemetyk do sawá ji má metyk do tób n'aa yt hë, tawããts tá hadoo pawá habä Nadëb barëeng n'aa ji awaba. Nag'ahë ta wá n'aa Secretarij tii meju makamametyk sa wá ta s'ëen n'aa ta häd salsicha, ta dab, booj dab. Ta haja ji moo wäd ba Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), bad ji bé t'sée h'yyb n'aa babä basëm n'aa bad habä bawaa n'aa tawããts.

# caminhos para melhorar a educação

## Escola Municipal Indígena Jeremias

A comunidade nomeia a escola como Jesus Me Deu e, segundo a Secretaria Municipal de Educação do Japurá (SEMED), está em curso um decreto para alterar o nome da escola para o que a comunidade escolheu.

Em 2016 a escola tinha quatro professores indígenas que ministravam o ensino infantil e fundamental na língua portuguesa.

A comunidade avalia como regular o prédio escolar construído em arquitetura convencional pelo governo municipal. A escola tem energia elétrica por gerador e não tem acesso à internet.

Ainda falta diálogo dos gestores públicos com as comunidades indígenas para discutirem e implementarem as políticas públicas direcionadas às comunidades indígenas. Para os Maku Nadëb é essencial que o governo converse com as comunidades antes e durante a construção da escola, para que a escola seja de acordo com a cultura do povo indígena.

Uma das grandes deficiências da escola, como na maioria das escolas indígenas no Brasil, é não ter material didático nem calendário diferenciados, apropriados à cultura indígena. Essa ausência de um ensino diferenciado gera conflitos entre a educação escolar e a cultura indígena. Por isso para os Maku é muito importante ter o ensino na língua indígena.

Outro ponto importante seria a oferta de uma merenda escolar composta por produtos locais, garantindo aos alunos uma alimentação de qualidade e de acordo com a cultura Maku Nadëb. Atualmente a merenda é fornecida pela Secretaria de Educação e composta, principalmente, por produtos industrializados, como salsicha, carne enlatada e conservas. Como alternativa, a comunidade tem interesse em acessar o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que possibilita a compra de produtos da comunidade para abastecer a merenda escolar, gerando renda familiar e uma alimentação mais saudável para os alunos.



O prédio escolar não atende aos anseios da comunidade. Foto: Silvia Futada



A prevalência de produtos industrializados e de baixa qualidade na merenda escolar acarreta em prejuízos na saúde e aumento do lixo nas aldeias. Foto: Silvia Futada



A escola na aldeia Jeremias oferece ensino fundamental e médio. Foto: Edvarde Bezerra Jr



Edmilson é um dos quatro professores indígenas da escola. Foto: Edvarde Bezerra Jr

# Maku Nadëb saúde n'aa

Sét la ky n'aa jaw'yk la kalen doo Nadëb hé Jeremias panang ba nahë tób n'aa. Nyba tabiin n'aa la moo book tób go makametyk do yt hé. Haba babuuj n'aa sa noo do ta biin do ta biin n'aa wób pé.

Mamatëg Edvaldo (Bola) Jutai bahaga do ná äjn hé Nadëb conselheiro n'aa Conselho Distrital de Saúde Indígena (CONDISI) ta noo nahë tób n'aa tii anan Plano Distrital de Saúde Indígena do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) do Médio Rio Solimões e Afluentes de 2016 a 2019.

Mäs ä biin n'aa habä moo wät doo Jeremias panang gó bad la moo wät sét kamalab k'ëh n'y, ä biin n'aa hahyy sa häd: péh wóp técnicos enfermagem, sét enfermeira, sét médico, sét tég aë n'aa. Ta babuuj n'aa noo bad ta biin n'aa moo book ta enyy do ky ná äjn hé.

Ä biin tsëë n'aa Nadëb péh wóp hé Tääg (Joaquim Duarte) – DESEI, Donaldo Ferreira (Prefeitura sii moo wät do).

## Nahë hé hät ä panang gó

2014 ta byj wät kanahën d'oos nahë bad né h'yj do, takëp h'yy katuun do, diabetes, acidentes, ta ba hyyjn pej w'ook gatsëg, as'ööd, malária.

Sét ta än n'aa gó do páam ä déjëb bá, sét páam dajëp kalapëed w'ook gatsëg.

## Nadëb sa biin

Ta biin jom né hë ä eyyk bad ä ba book hyyb n'aa do ä nahë enyy ba. Tii hyyb n'aa wahëh sa ky ä pá haj'een do, doo ä kalap'ee wóób lamä pëë ba.

Habä ä panan ba tii anan ta mewoob hé kalapé enymw n'aa, sét ta jäm n'aa, kalapé hé g'ää n'aa ta masá ta biin n'aa moo hatá.

## Naëng, j'aa hood, lixo

Naëng anan ta miih me ta m'oo me, bahajon. Tii hyyb n'aa ä naëng ä kalen ä ky n'aa haloot ba Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) bad naëng hyyb n'aa tii namw ta mii hana doo. Ta hyyb n'aa do ta hajab ba ta katamá ba naëng hood n'aa ta b'oog haba.

Do j'aa tyng n'aa ä bajén bá, ta hyyb n'aa Nadëb bahajo ä kalen j'aa hood haba Jeremias ba. Ta haja SESAI Prefeitura de Japurá tamä ba.

Tá enyy do Jeremias baj'en do rajhaá lixo.

# saúde dos Maku Nadëb

A principal reivindicação dos Maku Nadëb da aldeia Jeremias é a construção de um posto de saúde na aldeia. Os atendimentos são realizados nas salas de aula ou na casa dos Maku Nadëb. A comunidade reclama da falta de medicamentos e materiais hospitalares básicos.

O professor Edvaldo (Bola) da aldeia Jutaí, que também é conselheiro do Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi), informou que a construção do posto de saúde na aldeia Jeremias está prevista no Plano Distrital de Saúde Indígena do Distrito Sanitário Especial Indígena (Dsei) do Médio Rio Solimões e Afluentes de 2016 a 2019.

A equipe de saúde não indígena visita a aldeia para atendimento uma vez ao mês e é composta por dois técnicos de enfermagem, uma enfermeira, um médico e um dentista. A comunidade avaliou que as visitas da equipe de saúde são suficientes para o atendimento das famílias da aldeia.

A equipe indígena de saúde é composta por dois agentes indígena de saúde: Joaquim Duarte

(agente pelo Dsei) e Donaldo Ferreira (agente comunitário de saúde pela prefeitura).

## Principais doenças incidentes na comunidade

Em 2014 ocorreram poucos casos de infecção respiratória, pressão alta, diabetes e acidentes, e alguns casos de diarreia (doença diarreica aguda), verminoses e malária.

Nos últimos anos não ocorreram mortes de adultos e ocorreu um caso de mortalidade infantil em consequência de diarreia.

## Medicina Nabëb

As plantas medicinais são usadas pela comunidade para tratar certos problemas de saúde. Entretanto, segundo os mais velhos da comunidade, a transmissão desse conhecimento para os mais jovens não ocorre de forma satisfatória, pois poucos jovens têm o domínio desse conhecimento.

Na aldeia há três parteiras e um cantor, mas apenas as parteiras atuam com a equipe médica local.

## Água, esgoto sanitário e lixo

A água vem direto do rio ou igarapé e é muito farta. Para melhorar o acesso à água, a proposta da comunidade é discutir com a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) alternativas para captação e tratamento da água retirada do rio. Por ser uma área de várzea não há a possibilidade de construção de um poço artesiano.

Não há esgoto sanitário na aldeia, e com o crescimento da população é necessária a construção de fossas na aldeia Jeremias, que poderiam ser construídas com apoio da Sesai e da Prefeitura de Japurá.

As famílias da aldeia Jeremias enterram a maior parte do lixo produzido.



Pedro recebe vacina de H1N1. Foto: Sílvia Futada



A falta de um sistema de captação e tratamento de água contribui para muitas doenças na aldeia. Foto Silvia Futada



O atendimento pela equipe da saúde é feito em sala de aula. Foto: Silvia Futada



A curiosidade e disposição para brincar é um indicador da saúde das crianças na aldeia Jeremias. Na foto Gelisvana. Foto: Silvia Futada

# pressões e ameaças

Ã häj gó hajon n'aa mäs hé hook do ba hé tyy do, doo bad ta doo ba mäs ra bared ba. Ta hyyb ra tyy Cumaru Maku me ã häj n'aa.

Tii anan na moo b'uuk doo mäs ji masëm pá

manë héh dodoo he buuh do, doo ã bahēj n'aa ta bahēj ba.

Ji ne he rakan'aa nã Nadëb ji awät ba Japurá. Nadëb sa noo do mäs raba n'oo ba sa tób Nadëb raba g'ëë ba Japurá ba.



Mesmo sinalizada, a terra indígena sofre com invasões. Foto de Edvarde Bezerra Jr

As principais pressões sobre a Terra Indígena Paraná do Boá-Boá decorrem das invasões sistemáticas de pescadores e madeireiros, que causam um alto impacto ambiental no território dos Maku Nadëb. A pesca clandestina ocorre, principalmente, nas regiões do Cumaru e do Igarapé Maku, limite oeste da Terra Indígena.

Com uma menor constância também ocorrem invasões de caçadores e extrativistas, que,

segundo a comunidade, causam baixo impacto no seu território.

O preconceito ainda é sentido pelos Maku Nadëb no centro urbano de Japurá. Os Maku Nadëb relataram que ainda existe discriminação contra os indígenas praticada por moradores de Japurá, principalmente para alugarem casas na cidade.



Os rios e lagos são alvo de cobiça pela abundância e diversidade de seus peixes.

Foto: Silvia Futada

## Fundação Nacional do Índio (Funai)

**Kuaat ta nuu gabog moo wät Coordenação  
Técnica Local da Funai sét ta karape moo wäd  
wät ta mewob hé ãn n'aa ta ba nãwät. Nadëb  
rakaren Funai anan bá habä ã panan ba.**

Apenas quatro funcionários atuam na Coordenação Técnica Local da Funai e apenas um funcionário já esteve na aldeia, entretanto, em 2015 fez três anos que as visitas deixaram de ocorrer. A comunidade reivindica uma maior presença da Funai na aldeia.

# Sistema de Indicadores Socioambientais para Terras Indígenas



Oficina de validação da pesquisa, abril de 2016. Foto: Silvia Futada



Treinamento no uso de GPS, novembro de 2014. Foto: Silvia Futada

O levantamento socioambiental tem como premissa a coleta e a organização participativa de informações, que resultam em retratos socioambientais que por sua vez subsidiam as comunidades na definição de suas estratégias de gestão territorial e ambiental, sejam as comunitárias, com atores não indígenas ou junto aos órgãos públicos.

Até 2016, em conjunto com nossos parceiros indígenas, foram iniciados ou concluídos levantamentos em 14 Terras Indígenas nos estados do Amazonas, Roraima e Rondônia, totalizando 54 aldeias. A metodologia dos levantamentos socioambientais consiste em: (1) consulta às lideranças indígenas para realização do projeto; (2) realização de oficina de apresentação do projeto para a comunidade; (3) indicação dos pesquisadores indígenas pela comunidade; (4) treinamento dos pesquisadores indígenas para a aplicação do levantamento por aldeia, que consiste em um questionário, georreferenciamento de locais relevantes para a comunidade, como situações de conflitos, lugares sagrados, roças, entre outros, e documentação

fotográfica de locais e situações relevantes; (5) doação para a associação indígena ou comunidade dos equipamentos necessários para realização das atividades; (6) visitas de monitoramento nas aldeias para esclarecimento metodológico; (7) sistematização do levantamento realizado por aldeias, feita pela equipe do ISA, para composição de um retrato socioambiental da TI; (8) realização de oficina de validação do retrato socioambiental nas aldeias; (9) elaboração de publicação final do levantamento. Alguns ajustes metodológicos podem ser realizados a fim de adaptar a metodologia às situações específicas dos parceiros indígenas e não indígenas envolvidos.

Os levantamentos socioambientais integram o Sistema de Indicadores Socioambientais para Terras Indígenas (Sisti), um painel obtido a partir de dados primários e secundários que permitam a avaliação sistemática da situação da Saúde e Bem Estar, Educação e Identidade, Território e Governança e Sustentabilidade e Soberania Alimentar nas Terras Indígenas no Brasil.



Oficina de apresentação do projeto para a comunidade da aldeia Jeremias em novembro de 2014. Foto: Sílvia Futada



Finalização da oficina, novembro de 2014. Foto: Sílvia Futada

fonte **Noto e Neutra Display**

papel **offset 120g/m<sup>2</sup>**

impressão **Maistype**

tiragem **1.000 exemplares**

A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.





ISBN 978-85-8226-044-9



9

788582

260449



Este livro apresenta diversos aspectos da vida dos Maku Nadëb da aldeia Jeremias da Terra Indígena Paraná do Boá-Boá (Japurá/AM), resultado de um levantamento socioambiental participativo realizado pela comunidade no período de 2014 a 2015.

A iniciativa foi uma parceria entre a comunidade Maku Nadëb, Conselho Indigenista Missionário (CIMI) –Prelazia de Tefé, o Instituto Socioambiental (ISA) e Catholic Agency for Overseas Development (CAFOD), no âmbito do projeto de Sistema de Indicadores Socioambientais para Terras Indígenas (SISTI).

## realização

Comunidade Maku Nadëb  
da aldeia Jeremias  
Terra Indígena Paraná do Boá Boá



## apoio

GORDON AND BETTY  
**MOORE**  
FOUNDATION



**CAFOD**  
Just one world